

CAPA

GESTOS COTIDIANOS, DE RENATO BEZERRA DE MELLO



O que sinto não sei dizer o que é, 2016

Foto: Wilton Montenegro

Por meio de uma prática minuciosa – marcada pela reinvenção de materiais e pelo contínuo processo de transformação –, o artista pernambucano radicado no Rio investiga, em exposição individual e inédita, a própria autobiografia e a memória, costurando afetos familiares, vivências amorosas e episódios marcantes de sua rotina de ateliê

No dia 3 de outubro, sábado, às 14h, o SESC Tijuca inaugura *Gestos Cotidianos*, exposição individual e inédita de Renato Bezerra de Mello, com curadoria de Daniela Name e Jocelino Pessoa. A mostra destaca características importantes na obra do artista pernambucano radicado no Rio; além de enfatizar a minúcia do fazer manual, investiga como essas práticas laboriosas incidem sobre a autobiografia e a memória, atravessando questões familiares, relações amorosas e episódios de sua rotina artística e no ateliê.

O projeto reúne 11 conjuntos de trabalhos que, dispostos nas paredes, pendentes do teto ou exibidos em

mesas, prateleiras e no chão, materializam os caminhos criativos e de pesquisa do artista.

“São pequenos nozinhos em fios de meada; centenas de folhas de papel carbono dupla-face, perfurados em diferentes formas geométricas; bloquinhos de papel jornal com uma infinidade de desenhos – flipbooks, em que a sequência é imaginada pelo espectador; bolinhas coloridas, criadas pelo lixamento manual dos cubinhos de giz de sinuca; pequenas esculturas de grafite artesanal, moldadas pela fricção com folhas de papel; outras bolinhas, minúsculas, feitas da ‘poeira’ de linhas de seda; aparas de papel vegetal em espiral; milhares

Lembranças e esquecimentos, 2005

Foto: Kristine Thiemann





A cópia da cópia da cópia, 2006



Fotos: Isabelle Souriment

de tirinhas de papel, escritas e espalhadas pelo chão; ou recortes, em fiapos, de pastas de um arquivo que encontrei jogado numa caçamba de lixo”, conta Bezerra de Mello.

Na ampla e bem-iluminada galeria do SESC Tijuca, o percurso está ancorado, na área central do espaço, pela instalação *Lembranças e esquecimentos* (2005) – que vai cobrir parte do piso da sala com tirinhas escritas em papel cristal – e pela ocupação aérea *A cópia da cópia da cópia* (2006), que reúne caderninhos com desenhos de Bezerra de Mello, que impregnam as folhas de papel a partir do uso de carbono. Escritas no chão, escritas no ar.

Além de ser convidado, sensorial e participativamente, para estas duas experiências em montagens não convencionais, o visitante da mostra vai percorrer, ainda, outras nove séries de trabalhos, propositalmente dessemelhantes.

Bezerra de Mello reúne, num mesmo grupo, exemplares de trabalhos que parecem estar repetidos, mas que são diferentes entre si – ou obras feitas de um mesmo gesto repetido muitas vezes, que geram resul-

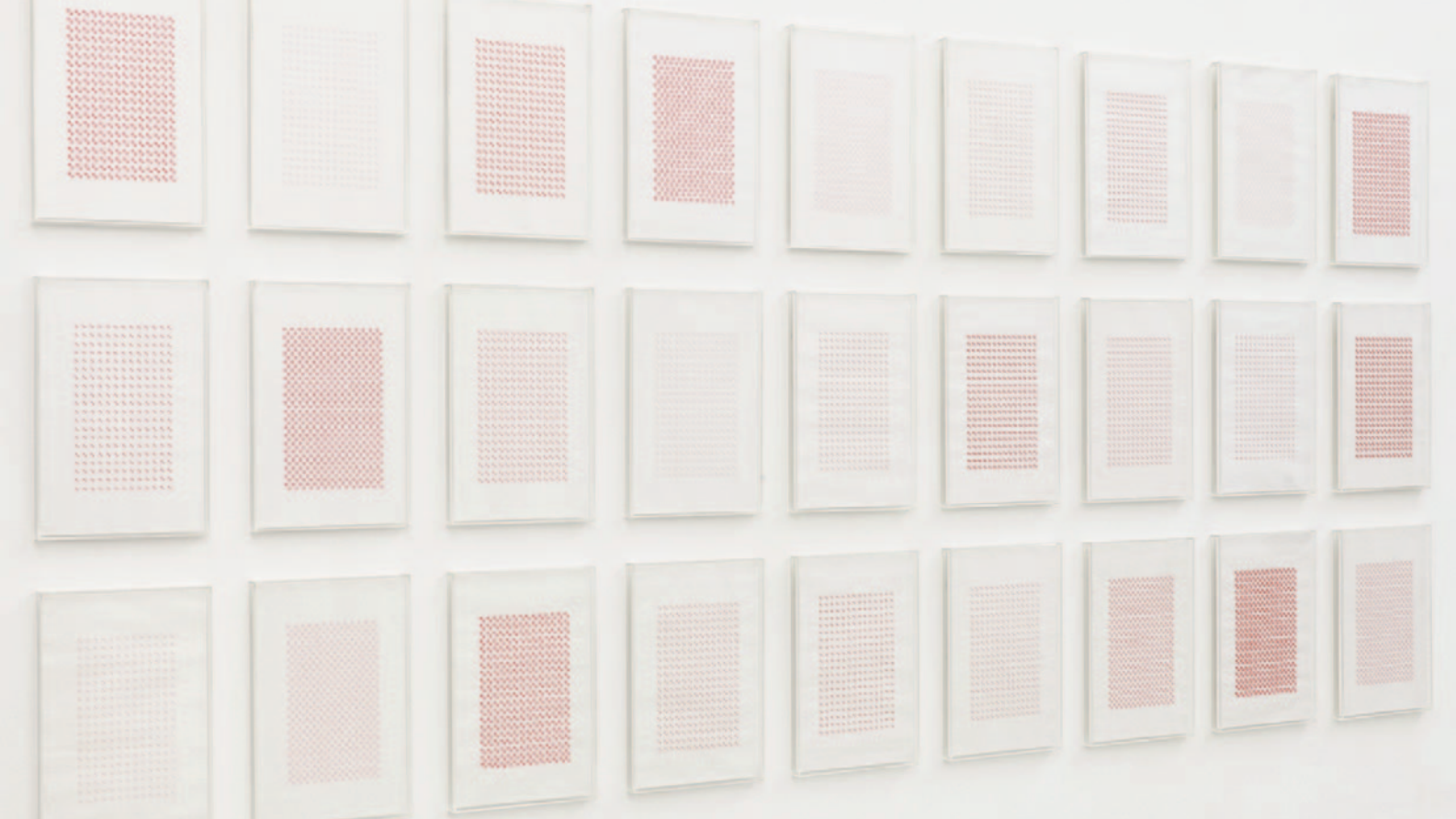
tados diversos em cada investida. Este é o caso da inédita *Nozinhos*, em que o artista cria trouxas, ninhos ou corações a partir de fios de linha, presos um a um.

ALGUMAS OBRAS

Fingindo repetir o idêntico (2016) – nanquim vermelho sobre folha de papel pele de cebola – Resgatando instrumentos obsoletos de desenho arquitetônico, o artista criou uma série de desenhos nos quais o mesmo símbolo geométrico é repetido, numa combinação de 12 réguas de normógrafo e 12 espessuras diferentes de caneta nanquim: uma tediosa feitura de 144 combinações nas quais foi utilizado o mesmo padrão, sem jamais repetir o tamanho dos círculos, nem mesmo a espessura dos traços.

Brincar de novo (2011) – giz de sinuca colorido – Ao enveredar pelos caminhos da infância, o artista desgastou, com o auxílio de lixas d’água, pequenos cubos de giz de sinuca, recriando uma coleção perdida de bolas de gude.

O fim desde o começo (2013) – linha de seda – Centenas de carretéis de linha de seda constituíam uma preciosa coleção que Bezerra de Mello encontrou em um



Fingindo repetir o idêntico, 2012

Foto: Pat Kilgore

antigo armarinho. Primeiro, o artista usou as linhas de seda para bordar – em nozinhos franceses – e em seguida liberou-as do suporte fixo, reduzindo-as a pó e transformando-as em minúsculas bolinhas de seda, como se o bicho voltasse ao casulo.



O fim desde o começo, 2013

Foto: Pat Kilgore

Aparas (2014) – papel vegetal de diferentes gramaturas e dimensões, tinta de caneta Letraset – Do recorte de porções inúteis de folhas de papel guardadas em rolo, surgem espirais: um turbilhão de água que se forma no mar, no cruzamento contrário de suas correntes.

Nada, ninguém, coisa alguma (2015) – antigas pastas de arquivo – Com o intuito de dar fim a qualquer possibilidade de classificação, Renato Bezerra de Mello recortou em fiapos centenas de pastas de papel, que guardavam documentos sobre a vida de mulheres que desejavam abandonar a prostituição.

Ouro negro (2015) – bastão de grafite artesanal e pó de grafite industrializado – Do processo de encobrir velhos documentos com sucessivas camadas de grafite,



Aparas, 2014
Foto: Oxana Ianin

em bastão, restaram alguns fragmentos, pequenas esculturas criadas no acaso do seu manuseio.

O que sinto não sei dizer o que é (2016) – feltro de caneta Letraset – Para a realização deste trabalho, o artista lançou mão do feltro de canetas hidrográficas que utiliza para colorir papéis em infinitos tons de azul. Mesmo livre da tinta, o feltro ainda guarda um pouco da cor que absorveu e se apresenta como material plástico, especialmente quando é desfeito em fios, assumindo aparência vaporosa.

Correr no azul à busca da beleza (2014) – (capa desta edição) – papel vegetal de diferentes gramaturas e dimensões, tinta de caneta Letraset – Da observação do mar, e do sonho das bibliotecas perdidas da Antiguidade, surgiu este acúmulo de rolos de papel

cobertos por diferentes tons de azul, numa alusão às infinitas cores e ao movimento incessante dos mares e oceanos.

“Muito antes de o termo ficar na moda, Renato já fazia da fabulação – no caso dele, também autofabulação – uma questão central de sua obra”, pontua a curadora Daniela Name. “Há um ciclo de vida, morte e ressurreição, por meio da reinvenção nos arquivos pessoais e alheios que o artista desvia, picota, cobre e fura para reconstruir em um novo corpo. Muito frequentemente, esse corpo carrega no ventre um comprido fio de histórias; as contidas nos papéis guardados e as da ficção que a arte criou. Aliás, não é acaso essa exposição ter tanta presença do papel, de trabalhos nesse suporte. Há uma escolha propositalmente anacrônica em tempos de amnésia, desuso da escrita

e de saturação dos dispositivos tecnológicos de inteligência superficial” – ironiza.

A exposição *Gestos Cotidianos* fica em cartaz até o dia 3 de janeiro de 2027 – e contará com ativações, ao longo de seu período em exibição. Entre elas, haverá uma oficina de escrita com a poeta e apresentadora Bianca Ramoneda – e também um debate com Bezerra de Mello e a curadoria, por ocasião do lançamento dos ensaios críticos de Daniela Name e Jocelino Pessoa sobre o trabalho do artista.

“Em um gesto de delicada intimidade, a poética de Renato Bezerra de Mello transforma a memória em um território compartilhado – um convite para sentar, es-

cutar e dividir nossas próprias histórias”, finaliza Jocelino, também curador da mostra.

Gestos Cotidianos – Renato Bezerra de Mello foi um dos projetos vencedores do edital SESC Pulsar 2026.

SERVIÇO

Gestos Cotidianos, de Renato Bezerra de Mello

Abertura: 3 de outubro, das 14h às 17h

De 6 de outubro de 2026 a 3 de janeiro de 2027

SESC Tijuca

Rua Barão, de Mesquita, 539, Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sexta, das 10h às 20h; sábados e domingos, das 10h às 17h

Entrada: gratuita

Nada, ninguém, coisa alguma, 2015

Fotos: Pat Kilgore



